

ESTRATÉGIAS DE ACESSO E PERMANÊNCIA CONSTRUÍDAS E IMPLEMENTADAS POR ESTUDANTES NEGROS(AS) COTISTAS EM UM CURSO DE PSICOLOGIA

TATIANE COELHO AMARAL¹; MÍRIAM CRISTIANE ALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas - UFPel – amaral.tatiane82@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - UFPel – oba.olorioba@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Brasil possui a segunda maior população negra do mundo, que responde pelos mais baixos índices de desenvolvimento humano e, até bem pouco tempo, o Estado brasileiro não incorporava as categorias racismo e discriminação racial para explicar tamanha desigualdade social (CAVALLEIRO, 2005).

Após abolição da escravidão, não houveram esforços do Estado em favorecimento à inclusão da população negra no seio social, de modo que o deslocamento dessas pessoas foi para a ocupação de regiões periféricas, sem acesso à educação, trabalho, habitação etc. (RIBEIRO, 2015). Ou seja, a herança colonial escravocrata, o colonialismo (FANON, 2005), atualizado pela colonialidade do poder (QUIJANO, 2010), se consolidou pela falta de políticas públicas inclusivas para tal grupo.

O racismo institucional, no Brasil, produziu profundas desigualdades sociais e étnico-raciais que, após muitas lutas do movimento social negro, levou o Estado brasileiro a se comprometer e construir Políticas Públicas de Ações Afirmativas para a população negra brasileira. As Políticas de Ações Afirmativas, especialmente as cotas raciais, são uma importante conquista entre as inúmeras lutas do movimento social negro que impulsionaram movimentos políticos até a sanção da Lei nº 12.711/2012, a qual regulamenta a reserva de vagas pelo critério étnico-racial em universidades federais. No entanto, além do acesso, ainda se constitui como desafio a permanência dos(as) estudantes cotistas nesse sistema de ensino. Assim, a presente pesquisa objetiva investigar as estratégias de acesso e permanência construídas e implementadas por estudantes negros(as) cotistas em um curso de Psicologia, de uma universidade pública do interior do estado do Rio Grande do Sul.

2. METODOLOGIA

O então *corpus* da pesquisa, foi produzido por meio da entrevista semiestruturada. Essa se caracteriza pela organização de algumas questões (roteiro) sobre o tema estudado, porém, permite que o(a) entrevistado(a) fale livremente sobre assuntos que surjam como desdobramentos do tema principal (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

O processo de análise foi organizado em 08 (oito) etapas: 1) transcrição das entrevistas; 2) envio das entrevistas aos participantes para leitura, alteração e complementação de informações; 3) após retorno das entrevistas pelos participantes e constituição do *corpus* de análise; 4) leitura preliminar do *corpus* de análise e identificação de temas emergentes a partir da relação entre pesquisadora e narrativas; 5) leitura minuciosa do *corpus* de análise para confirmação e emergência de novos temas; 6) identificação de relações de interdependência entre os temas e agrupamento desses em eixos temáticos; 7) identificação de narrativas significativas

e construção de um quadro que buscou interligar as narrativas, os temas e os eixos temáticos; 8) discussão e problematização dos eixos temáticos.

Ao longo da quarta etapa, emergiram temas da relação entre pesquisadora e o *corpus* de análise. Posteriormente, na busca pelas relações de interdependência entre estes temas, chegou-se ao agrupamento desses em 03 (três) eixos temáticos: 1) Racismo e produção de subjetividades; 2) Engenhosidades para o ingresso no curso de Psicologia; 3) Engenhosidades para permanecer no curso de Psicologia e estratégias de enfrentamento ao racismo. Que estão respaldados a partir de falas verbalizadas pelos 7 (sete) estudantes entrevistados, os quais foram referenciados por meio de pseudônimos de origem africana, substituições feitas a seus nomes, a fim de resguardar suas identificações.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1) Racismo e produção de subjetividades

No Brasil, os indicadores sociais explicitam as iniquidades existente entre negros(as) e não negros(as), sendo essas, produções da colonialidade, que mantém viva a perspectiva política e ideológica do sistema colonial escravista, mantendo mecanismos de opressão, dominação e exclusão que produziram e continuam produzindo humanidades de concessão e subjetividade subalternas, como evidenciado na narrativa de Nyota:

“[...] é um histórico grande de adoções... A mãe do meu pai era escrava, e aí o meu pai foi adotado pela sinhazinha dela, e assim sucessivamente vários membros da família foram sendo adotados por aquela família [...] eu fui adotada mas não era aquela coisa de filha, era uma ajudante na verdade.”

A humanidade de concessão se expressa na negação de direitos, na dominação e exploração de povos e grupos subalternizados, cujo olhar e prática racista, misógina, homofóbica, entre outras, lançados a eles produz subjetividades subalternas (ALVES; JESUS; SCHLZ, 2015).

Apesar da implementação das cotas raciais, o acesso de estudantes negros(as) ao ensino superior, quando esse se torna uma possibilidade, requer diferentes agenciamentos para sua materialidade. As narrativas que seguem, destacam algumas das engenhosidades utilizadas para que o objetivo de ingressar no curso desejado (Psicologia) pudesse ser alcançado. Importante destacar que todos(as) estudantes participantes da pesquisa, além de acessarem as políticas propostas pelo Estado, criaram suas próprias estratégias de ingresso ao ensino superior. Nyota, por exemplo, prestou o Exame Nacional do Ensino Médio ENEM e utilizou-se da estratégia da reopção para adentrar ao curso desejado: “para conseguir entrar eu prestei o ENEM, aí a minha nota não deu para eu chegar na Psicologia, então eu entrei para o curso de Filosofia, visando pedir a reopção para a Psicologia”.

3.3 Engenhosidades para permanecer no curso de Psicologia e estratégias de enfrentamento ao Racismo

Após acessar o ensino superior, o consequente obstáculo a ser vencido pelo(a) estudante negro(a) é sua permanência no contexto acadêmico, de forma a possibilitar que sua trajetória seja bem-sucedida. Ao emergirmos no corpo das narrativas construídas pelos(as) participantes do estudo, visibilizamos algumas estratégias que estão possibilitando a permanência dos(as) estudantes cotistas:

3.3.1) Aproximação entre os iguais. A presença e a aproximação entre negros e negras possibilita o resistir e o (re)existir na coletividade, principalmente quando no enfrentamento a qualquer violência racial manifesta em nível individual, coletivo ou institucional.

[...] quando eu vi que tinha colegas negros foi maravilhoso, porque eu senti aquela questão de identificação, de “não vai ser só eu de novo”, “eu não vou passar cinco anos passando pelas mesmas coisas que eu passei no ensino médio”, então foi um alívio assim..., os colegas negros pra mim, eles significam muito. [...] é importante que a gente tenha pessoas, tenha colegas que saibam que são negros, saibam o que é ser negro no Brasil. Então isso que eu estou sentindo agora na faculdade, está me motivando para não desistir, a continuar [...]. (Hazika).

3.3.2) Constituição de coletivos de formação política e suporte mútuo. A organização política e social dos estudantes negros(as) tem se constituído como uma importante estratégia de afirmação, de suporte mútuo e de luta no espaço universitário. Como refere Afifa: “[...] Estou participando das reuniões do Setorial de Alunos Negros. É uma coisa que ajuda bastante, até mesmo no emocional, porque mesmo que tu não fale, tu tá escutando, e isso já te afeta de alguma forma, positivamente.”

A coletividade negra reunida constrói estratégias de enfrentamento ao racismo institucional, de apoio mútuo aos sofrimentos vivenciados mediante a violência racial, de afirmação pessoal e grupal, de formação política, de simplesmente encontro com iguais.

3.3.3) Empoderamento pela representatividade negra. Adla, saliente a importância da representatividade negra discente: “Acho muito importante a representatividade de ter pessoas negras na instituição, essa preocupação de ter alunos negros e lidar com eles. Que isso cause impacto na visão dos professores”. O empoderamento pela representatividade negra no cotidiano acadêmico se constitui como elemento produtor de modos de existência do(a) estudante negro(a) cotista, sendo locus para a produção subjetividades na relação entre estudantes, entre estudantes e professores, entre estudantes e comunidade.

O empoderamento, neste estudo, tem sentido e significado coletivo, transcendendo qualquer expectativa individualista e meritocrática. Ou seja, o empoderamento só é possível na relação com o outro, e fundamentalmente com a coletividade. Discussão que nos remete à *Filosofia Ubuntu*, que, conforme Ramose (2010, p. 211).

3.3.4) Organização familiar. A família é narrada pelos entrevistados como a primeira instância coletiva de grande importância para o acesso e, fundamentalmente, permanência dos(as) estudantes negros(as) no ensino superior.

Adla traz a preocupação da mãe em romper com o ciclo familiar de não conclusão da educação básica e a consequente sujeição a trabalhos subalternos: “Eu sempre fui bastante incentivada a estudar, porque minha mãe sempre dizia: ‘tu tens que estudar para não ser empregada’, porque em toda a minha família eles pararam de estudar no ensino fundamental, e foi basicamente isso”.

4. CONCLUSÕES

Tal processo investigativo, de imersão no *corpus* de análise, de diálogo com as narrativas de cada participante e de discussão com o referencial teórico,

possibilitou evidenciar muitas das razões que justificam o decorrente enquadre social da população de ascendência africana nos dias atuais, resultante das desvantagens as quais sempre esteve exposto tal grupo populacional, e que, apesar de recentes esforços governamentais, que, em abandono à posição de passividade frente aos embates sociais, possibilitaram a implementação de políticas assistenciais generalistas, é notório que elas não são suficientes para diminuir as desigualdades sociais, pois essas possuem um caráter racial que é estruturante em nossa sociedade. Portanto, são medidas como a política de cotas, ou seja, políticas focais, que se tornam extremamente necessárias, a transformações sociais num país como o Brasil, onde todos os indicadores sociais explicitam números carregados com a cor do racismo, evidenciando a disparidade histórica de acesso a bens e serviços, resultando na escassa e até inexistente representatividade de tal grupo populacional em âmbitos de maior relevância social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Míriam Cristiane; JESUS, Jayro Pereira; SCHOLZ, Danielle. Paradigma da afrocentricidade e uma nova concepção de humanidade em saúde coletiva: reflexões sobre a relação entre saúde mental e racismo. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 39, n.106, p. 869-880, jul.-set. 2015.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 ago. 2012. p. 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm>. Acesso em: 03 set. 2016.

CAVALLEIRO, Eliane. Apresentação. In: ROMÃO, Jeruse (Org.). **História da Educação do Negro e outras histórias**. Brasília, 2005. p. 9-10.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 120 p.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M.P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p.84-130.

RAMOSE, M.B. Globalização e Ubuntu. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M.P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p.175-220.

RIBEIRO, D. **Ser contra cotas raciais é concordar com a perpetuação do racismo**. Carta Capital – Sociedade, 15 de jul. 2015. Acesso em: 20 out. 2016. Online. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/ser-contra-cotas-raciais-e-concordar-com-a-perpetuacao-do-racismo-1359.html>